

RESUMO / ABSTRACT

JOGO DE CENA: A ALEGORIA EM POEMAS CORONÁRIOS, DE CYRO DOS ANJOS

Embora Cyro Versiani dos Anjos tenha buscado desvincular-se do peso da responsabilidade de ter trazido a público seus *Poemas coronários* (1964), há nessa obra um plano retórico seguido à risca pelo escritor. Neste artigo intentamos demonstrar como o escopo geral desse conjunto de versos, mais que um mero retrato dos sentimentos conturbados do convalescente em seu leito de hospital, efetivamente alegoriza a própria atividade literária de Cyro dos Anjos e seu momento criativo.

Palavras-chave: alegoria; *Poemas coronários*; Cyro dos Anjos.

SCENE PLAY: THE ALLEGORY IN POEMAS CORONÁRIOS, BY CYRO DOS ANJOS

Although Cyro Versiani dos Anjos had tried to free himself from the burden of the responsibility of having brought to public his *Poemas coronários* (1964), the writer thoroughly follows a rhetorical plan in this piece of work. This essay aims to demonstrate how the general scope of this group of verses, more than a mere portrait of troubled feelings of man convalescing in the hospital bed, effectively allegorizes Cyro dos Anjos' literary activity itself and his creative moment.

Keywords: allegory; *Poemas coronários*; Cyro dos Anjos.

JOGO DE CENA: A ALEGORIA EM *POEMAS CORONÁRIOS*, DE CYRO DOS ANJOS

Elcio Lucas

Professor Doutor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros-MG
elciolucas@yahoo.com

As coisas não lhe revelam o seu nome senão por forma enigmática, mas o menino entra no brinquedo de olhos vendados, e com elas brinca para a vida e para a morte.

Cyro dos Anjos

Introdução

Em conhecida novela de Tolstói, Ivan Ilitch espontaneamente toma consciência que a sua saúde havia chegado a tal estado que, inevitavelmente, em breve haveria de morrer, porém, o que mais o atormenta é a mentira a recobrir o comportamento de seus entes mais próximos, pois, ao insistirem que logo estaria recuperado, fingem desconhecer a sua real situação. Longe de aliviar a sua dor, essa conduta tornava maior o seu sofrimento, pois Ilitch não via nessa atitude nenhum compadecimento por parte de seus familiares, mas sim a indisposição em concretamente refletirem sobre seu drama (TOLSTOI, 2009).

Ao estudar o comportamento das culturas cristãs ocidentais, Philippe Ariès identificou como procedimento usual na Idade Média advertir ao enfermo quanto ao risco de morte a que está sujeito, tarefa que era exercida ora pelo familiar, ora pelo médico ou pelo “amigo espiritual”, não por outro motivo denominado *nunciatus mortis*. Ciente de sua sorte, nem por isso menos temeroso, era o próprio moribundo quem presidia os preparativos: “Ele não era o senhor da sua vida senão na medida em que era o senhor de sua morte” (ARIÈS, 1989, p. 149). Nesse contexto, faziam-se presentes nos aposentos do acamado os familiares mais próximos, demais parentes, padres, serviçais, vizinhos, confrades, médicos ou mesmo desconhecidos, que visitam o agonizante em seu leito. Portanto, o sofrimento era acompanhado publicamente, aspecto que vale aqui destacar, pois haverá de ser considerado na análise que

adiante se fará sobre as circunstâncias vividas por Cyro Versiani dos Anjos, quando, durante convalescência em hospital de Brasília, compôs *Poemas coronários*.

A partir dos tempos ditos modernos, com o avanço dos procedimentos médicos, do desenvolvimento de fármacos cada vez mais eficazes e da maior instrumentação para intervenções cirúrgicas especializadas, ocorre uma mudança substancial nessa relação, pois a crescente possibilidade de tratamento das enfermidades tende ao apagamento do espectro da morte, o que muito mais se acentua na atitude dissimulada dos parentes perante o doente. Na citada novela *A morte de Ivan Ilitch* isso fica evidente quando, ao término de um dos exames efetuados pelo médico da família, cabe à esposa do enfermo comunicar a Ilitch que “naturalmente ele decidiria, mas ela já havia procurado um célebre especialista que o examinaria”, ao que “cnicamente”, como realça o narrador, acrescenta: “– Por favor, não faça objeções. Estou fazendo isso por mim” (TOLSTOI, 2009, p. 81). Desse modo, o que o principal interessado pensa sobre o seu caso terá pouca importância, já que dele foi usurpada a decisão sobre os procedimentos que deverão ser efetuados pela equipe médica, que diagnostica e decide com os familiares do enfermo o que fazer, quando e como será feito (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 12; ARIÈS, 1989, p. 45-146).

Assim, no comando do tratamento de um ente querido em fase terminal, tornou-se habitual entre nós omitir a gravidade de seu estado de saúde, alienando-o de sua própria morte, procedimento que Ariès considerou muito mais uma “regra moral” que um hábito. Na tentativa de manter a vida a qualquer custo, apego que em muitos casos ultrapassa a própria racionalidade da situação, tornou-se natural isolar o agonizante nas unidades intensivas de tratamento, o que faz por dificultar, mesmo aos familiares mais próximos, o acesso ao moribundo, que, por fim, solitário falece, “quase em segredo”, o que sem dúvida é bastante diverso do caráter público que cercava o leito de morte antes do advento da modernidade (cf. KÜBLER-ROSS, 1998, p. 32-41; ARIÈS, 1989, p. 145-153).

A transposição da autoria

Perante a expectativa de morte iminente no rastro da complicação cardiovascular que lhe acometera em 1963, Cyro dos Anjos opta pelo gênero lírico para compor, entre 22 de agosto a 19 de setembro daquele ano, um conjunto de 12 poemas à volta dessa temática: “É o testemunho de uma agonia. Achei que ia morrer e senti necessidade de expressar certos sentimentos para os quais a prosa me parecia instrumento inadequado. Ainda no leito, esses pobres versos me saíram” (ANJOS, 1997, p. 10). Assim, no decorrer do período que esteve hospitalizado, aos poucos foi escrevendo os poemas denominados “coronários”, que, datilografados por sua filha, reuniu em edição artesanal, da qual 50 cópias mimeografadas foram enviadas a alguns parentes e amigos íntimos.

Carlos Drummond de Andrade, em carta-resposta ao recebimento da “edição confidencial – e preciosa – que lhe aprouve oferecer aos amigos mais chegados”, assim comentou:

Releio-os e volto a encontrar neles aquela marca de experiência vivida em plenitude, que os torna autênticos e, por assim dizer, necessários. Você achou, na noite tenebrosa que o envolveu, uma saída, uma via poética, e enveredando por ela realizou tocante meditação, a que soube dar beleza literária. Que mistério, esse da criação diante da porta severa!¹

No ano seguinte, “à revelia do autor”, segundo afirmou o próprio Cyro dos Anjos em entrevista, esses seus versos são levados ao prelo para uma “edição de apenas cem exemplares”, em arrojado projeto gráfico do Instituto Central de Arte da Universidade de Brasília. Cyro irá atribuir a responsabilidade dessa publicação unicamente a “gesto benévolo” do então reitor daquela instituição, Darcy Ribeiro, que recebera do conterrâneo uma das cópias distribuídas (ANJOS, 1982, p. 25). Sem alterações substanciais, essa mesma explicação é repisada pelo escritor em outras oportunidades, seja em depoimento escrito à Vera Milanesi (ANJOS, 1997), bem como na entrevista concedida a Afonso Fávero: “Quando cheguei a Brasília, já restabelecido [...], fui surpreendido na Universidade [...] e um dos professores me disse: ‘O seu livro está quase pronto’. ‘Mas que livro?’ – perguntei. O Darcy havia mandado fazer o livro” (ANJOS, 1991, p. 144).

No mesmo tom de cordialidade e moderados elogios vistos na missiva de Andrade, os poemas de Cyro dos Anjos são lembrados nos discursos proferidos em sua homenagem na Academia Brasileira de Letras, porém, o foco principal, naturalmente, será o de enaltecimento da prosa do consagrado autor d’*O amanuense Belmiro*. Responsável por saudá-lo no ato de posse, Aurélio Buarque de Holanda (2009, p. 341) classifica os seus versos como “menores, circunstanciais”, ao que, amenizador, acrescenta: “apesar de alguns irrecusavelmente belos, como aquele ‘no ritmo do suspiro, do gemido’, com a pungitiva assonância dos is” – o que não deixa de confirmar o mediano valor anteriormente expedido. Logo adiante no discurso é que se vai perceber onde Buarque de Holanda pretendia mesmo chegar, pois o elogio efetivo só será concretizado com o destaque do lirismo na obra em prosa do escritor mineiro: “o poeta Cyro dos Anjos comparece, de verdade, e com alguma frequência, é no Cyro dos Anjos prosador” (HOLANDA, 2009, p. 341).

Outro acadêmico, Sábato Magaldi, ao tomar assento na cadeira anteriormente ocupada pelo escritor mineiro, não deixa de corroborar com a sentença expedida por Buarque de Holanda vinte e

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Meu caro compadre* [Cyro dos Anjos]. Rio [de Janeiro], 16 dez. 1963. Carta datilografada e assinada. Não publicada, disponível no Acervo dos Escritores Mineiros, UFMG.

cinco anos antes, ao dizer: “Os Poemas [Coronários] não alteram, de fato, a história da poesia, mas testemunham, à sua maneira, o permanente bom gosto do escritor”. Magaldi dedica-se ao comentário rapidamente elogiosos de alguns versos, para adiante arrematar: “O escritor se abandona à poesia imprevista como se pedisse desculpas. Só um leitor desatento não percebe que ela, no seu feitiço particular, pode ser entrevista já no lirismo de *O Amanuense Belmiro*” (MAGALDI, 2010, p. 925-926). Ou seja, ao elencar as virtudes literárias de seu antecessor, também Magaldi dará maior destaque à obra em prosa de Cyro dos Anjos.

Há de se ressaltar que, em suas entrevistas, depoimentos e missivas posteriores ao lançamento da edição impressa, o próprio escritor reiteradamente insistiu na desqualificação desses seus versos. É o que certificam os trechos a seguir, seja na já citada entrevista concedida a Steen, quando enfaticamente indaga: “Poderíamos chamar-lhes poemas? São uma peça de circunstância, escrita num leito de hospital e que não se destinava à publicação” (ANJOS, 1982, p. 25); bem como ao confessar a Milanesi a pouca pretensão de sua obra versificada: “Ainda no leito, esses pobres versos me saíram. Mandei datilografá-los para dar a amigos e parentes. Apenas para isso” (ANJOS, 1997, p. [ii]); ou ainda quando, em dedicatória a uma afilhada, enfaticamente os deprecia: “pensando que ia morrer, permiti-me a aventura destes versos. Como peça literária, nada valem, mas funcionaram, naqueles dias, como alívio à dor da despedida” (MAGALDI, 2010, p. 925).

Não obstante Cyro dos Anjos tenha enfatizado que o seu verdadeiro campo de criação era mesmo a prosa, não a poesia (ANJOS, 1991, p. 144), estivesse ele realmente insatisfeito com o resultado de seus versos, poderia ter impedido a publicação de *Poemas coronários*. É o que se pode concluir do relato de Rui Mourão, à época seu colega na instituição universitária, que diz ter sido levado pelo escritor montes-clarense – então em recuperação domiciliar – à oficina de arte tipográfica da universidade para que vissem “a luxuosa e criativa edição dos *12 poemas coronários*”, ainda em preparo (MOURÃO, 2010, p. 158).

Pouco afeito ao ofício da versificação, não deixa de ser compreensível que o bem sucedido prosador de *O amanuense Belmiro* e *Abdias* não quisesse estender demasiadamente o seu comprometimento nessa sua arriscada incursão pelo gênero lírico. Porém, talvez não houvesse mesmo necessidade de impedir a publicação, já que, seja para atender às exigências retóricas, prévia autocrítica ou cautela de estreante no gênero lírico, já pelo texto de apresentação do volume o precavido escritor investiu em desfazer maiores expectativas do eventual leitor, bem como transferiu a responsabilidade autoral dos poemas a um inesperado Belmiro Montesclarino, “Escritor Menor”, “imperito nas Artes Poéticas”, evidenciando assim o jogo de cena endereçado aos seus leitores devido à coincidência com o prenome do personagem central em sua ficção, pseudonímia e heteronímia, como se verifica a seguir:

Lira Ingênu
de
Belmiro Montesclarino
Cavaleiro da Ordem Hospitalária
e
Escritor Menor,
Membro da Academia dos Angustiad
Compostos
durante a Enfermidade
do Autor, Que, segundo se Verá,
é imperito nas Artes Poéticas
Mas
em Temerário Assomo
Quis Dar Expressão
às Visões e Efusões
das noites
em
claro
(ANJOS, 2009, p. 9).

Ao tratar dessa curiosa atribuição autoral e da coincidência onomástica entre os dois Belmiros, Paulo Franchetti (2009, p. 72) não relutou em tomar o Montesclarino pelo amanuense Borba, o que lhe possibilitaria a seguinte fusão: “Ao leitor não escapará o humor da frase, que funde o criador e a criatura: Belmiro Borba, personagem central e autor fictício do romance intitulado *O amanuense Belmiro*, e Cyro dos Anjos, seu autor real”. A hipótese proposta por Franchetti tem como pano de fundo a tão decantada, nem por isso menos polêmica, questão autobiográfica na obra desse autor mineiro – o que não é incomum no âmbito da produção e da crítica literária em geral, já que desde o romantismo no século XIX fez-se trivial a generalização da autoria como presença do indivíduo nas obras (HANSEN, 1992, p. 37).

Opiniões coincidentes e divergentes de alguns críticos sobre as similitudes entre as biografias de Belmiro Borba e do escritor montes-clarense, bem como de personagens e situações de outros romances e do narrador das memórias desse escritor podem ser conferidas em Nobile (2005), Ferreira (2005), Fávero (1991) e Marques (2011), dentre muitos outros. Esse característico impasse analítico

foi assim traduzido por Aires da Mata Machado Filho (2005, p. 173): “Onde começa o Cyro e onde acaba o Belmiro [Borba] ninguém saberá jamais”.

Com *Poemas coronários* não seria diferente, já que mais de uma vez o próprio Cyro dos Anjos fez questão de estabelecer a ligação de sua convalescência durante a crise cardíaca com a temática e o conteúdo imprimidos nos poemas, que seriam igualmente autobiográficos. E, como se viu, há também nesses um Belmiro, só que não especificamente o ilustre amanuense Borba, mas, sim, o Montesclarino.

O fator belmiriano

Embora na superfície das nomeações, a derivação do gentílico montes-clarense ao patronímico “montesclarino” evidencia uma demarcação distintiva entre um e outro Belmiro, pois sugere que o atribuído “autor” dos versos coronários seja originário de Montes Claros, cidade natal do escritor Cyro dos Anjos, enquanto o inequívoco sobrenome Borba vincula o Belmiro amanuense ao tronco familiar originário de Vila Caraibas, conforme descrito no bem sucedido romance lançado em 1937.

Para o estudo dessa genealogia, há crônicas curiosíssimas de Cyro dos Anjos publicadas entre 1933 e 1935 nos jornais *A Tribuna* e *O Estado de Minas*, que estão publicadas na íntegra como anexos em Málaque (2008). Uma dessas, sob o pseudônimo Belmiro Borba, é dedicada à descrição de um seu sobrinho, o também amanuense Glicério Borba, que por sua vez “assina” três outras: “Marcolina redi-viva”, “O concurso da rainha” e “Fuzuê”. Já Inocência Borba, outro sobrinho de Belmiro, faz um bem humorado apelo, em crônica intitulada “Alô, alô Lagoinha”, a quem possa lhe informar o paradeiro de uma moça “miudinha, gorduchinha, redondinha, feito boneca”, com quem teria tratado casamento. “Ela tem um sinalzinho no queixo e duas covinhas nas faces”, descreve o inconsolado Inocência, e dele se despedira a cantar: “Té já, meu amor, te já”, sem voltar a dar-lhe sinal de seu paradeiro (BORBA, 2008, p. 232-233). Esta e as outras crônicas acima citadas estão.

Óbvio que o interesse do então jornalista em configurar essa família de cronistas Borba, sedimentada na efetiva colaboração de seus membros na imprensa, visa trazer maior veracidade ao pseudônimo Belmiro Borba e aos relatos assinados por este, assim contribuindo para uma maior persuasão de seus leitores. A respeito da lenta gestação de *O amanuense Belmiro* nas crônicas publicadas nos jornais acima citados, assim comentou Cyro dos Anjos:

Produzia uma substância vaga, indecisa, que ora pendia para a crônica, ora resvalava para o conto quando, e com frequência, não se convertia em pura vadiagem literária, que rejeitaria qualquer etiqueta classificatória. Linhas de um lirismo desconfiado, ingênuo, brincalhão. Assinava-as com o pseudônimo de Belmiro Borba.

[...] Sucedeu que os meus dois palmos de coluna começaram a se encadear tanto na matéria, como no tom, na atitude. O pseudônimo virou personagem, e personagem-autor, no qual se *projetava, em parte, o autor verdadeiro*. De pseudônimo converteu-se em heterônimo (ANJOS, 1982, p. 16, grifos nossos).

No trecho em destaque, o escritor reconhece a tão propalada correspondência biográfica com o seu narrador-protagonista, e, mais adiante no mesmo depoimento, reconhece que este havia passado a ser um incômodo sócia, do qual precisou se libertar, pois “a criatura gerada esperneava, pedia autonomia no espaço” (ANJOS, 1982, p. 16).

Não é, portanto, sem motivos que a crítica considere que Cyro dos Anjos elaborava a sua ficção tendo por base as suas próprias experiências (MÁLAQUE, 2008, FERREIRA, 2005, MARQUES, 2011, FÁVERO, 1991, dentre outros). Entretanto, ao refletir sobre a proximidade entre a demência, o sonho e a criação poética, Anjos considerou que “a criação poética excede a experiência, por meio da própria experiência. [...] nela a experiência se mostra mais suscetível de ser vivamente sentida e compreendida, do que nas cópias fiéis do real.” (ANJOS, 1959, p. 66-67). Em outras palavras, ter por base as suas próprias experiências não significa reproduzi-las na ficção tal como se deram na vida real, mas sim como poderiam ter acontecido.

Embora em todos esses anos muito papel tenha sido consumido com o estudo dessa questão autobiográfica na obra desse escritor mineiro, ainda nem bem iniciara dezembro de 1937 e João Alphonsus Guimarães apresentou, durante homenagem dos amigos pelo êxito do lançamento de *O amanuense Belmiro*, esta instigante percepção do processo criativo pelo qual passara Cyro dos Anjos naqueles tempos gloriosos do modernismo mineiro:

E, aí é que é interessante, o personagem de Vila Caraíbas, nos aspectos pessoais mais característicos, constitui a projeção imaginária de uma vida que podia ter vindo a ser a sua, que talvez naquela ocasião você receasse, tímido e resoluto, que viesse a ser a sua. Receio esse que tantos anos depois veio precipitar, nas suas cogitações íntimas, a realidade literária de Belmiro Borba (GUIMARÃES² *apud* CYRO..., 2005, p. 181).

E é ainda na extensão desse seu viés de apreensão que o mesmo João Alphonsus fez a seguinte síntese de Belmiro Borba, tendo-o como um “símbolo” de todos eles, os autoproclamados “amanuenses” que se reuniam à volta da literatura naquele círculo de amizade na Belo Horizonte dos anos 1930: “Quero acentuar a sua descoberta, ou a sua revelação, Cyro dos Anjos: a parte belmiriana ou belmíri-

² GUIMARÃES, João Alphonsus. *O discurso de João Alphonsus*. [8] dez. 1937.

ca de cada indivíduo da nossa geração, nos altos e baixos do destino, onde quer que estejamos” (GUILMARAES *apud* CYRO..., 2005, p. 181).

Ao analisar conjuntamente o livro de estreia e o segundo romance, *Abdias*, Alfredo Bosi (2006, p. 418) diz que Cyro dos Anjos “narra [...] menos a vida que a suas ressonâncias na alma de homens voltados para si mesmos, refratários à ação, flutuantes entre o desejo e a inércia, entre o projeto veleidário e a melancolia da impotência”. Lirismo, vaguidão, introspecção e intimismo assinalam o temperamento belmiriano, e muito dessa índole será encontrada no Belmiro Montesclarino instaurado nos paratextos e poemas pretensamente autobiográficos de *Poemas coronários*, porém, Franchetti (2009, p. 76-78) estranha a imputação de ingenuidade a este, por não condizer com a índole Borba, que não é nada ingênua, e vê “a máscara ou o *alter ego* belmiriano” com que se define o tom do conjunto como a vinculação dos *Poemas* ao romance inaugural.

Plasmada a experiência agônica do indivíduo Cyro dos Anjos no quadro alegórico medieval do cavaleiro cristão agonizante, o próprio Belmiro Montesclarino universaliza-se, esvaziado de sentido próprio: “Onde o meu elmo, o meu aprumo, a minha espada?” (ANJOS, 2009, p. 43). Assim, a leitura passa a exigir-se alegórica, “a partir das ruínas do texto”, pois, “o dizer o outro diz um outro que já não se pode mais saber como era em sua totalidade” (KOTHE, 1986, p. 71). Esse processo de reconstrução está contemplado na epígrafe que abre este artigo, pois as coisas somente se revelam como enigma e o menino se lança confiantemente às cegas na brincadeira, “e com elas brinca para a vida e para a morte” (ANJOS, 1959, p. 40).

Fora dos trilhos... novos trilhos

Poucos meses antes da ocorrência das complicações cardiovasculares, Cyro dos Anjos havia lançado *Explorações no tempo: memórias* – que teve como antecedente um opúsculo publicado onze anos antes pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação –, no qual é narrada a sua trajetória desde quando ainda jovem estudante em Montes Claros até a sua ida em definitivo para Belo Horizonte, no intuito de dar continuidade a seus estudos (ANJOS, 1963). Para Fábio Lucas, a opção memorialista teria sido adotada devido ao esgotamento do modelo seguido em *O amanuense Belmiro* e *Abdias* (LUCAS, 1976, p. 38).

Do cotejamento entre trechos análogos entre os dois primeiros romances de Cyro dos Anjos e o livro de memórias *A menina do sobrado*, Afonso Fávero analisa os respectivos narradores, pelo que chega à conclusão que Belmiro, Abdias e o narrador das memórias estariam vinculados ao mesmo modo de ficção (FÁVERO, 1991, p. 118), pois, tanto o relato intimista de *O amanuense Belmiro* quanto o de *Abdias* estão plasmados em diário escrito por seus protagonistas, que aos poucos vão delineando, mesmo

que lacunarmente, as suas próprias biografias. Segundo Bilenky (1992, p. 187), enquanto contemplação, o diário assemelha-se a um espelho, no qual “as imagens da ruína de um mundo impróprio” são capturadas. “O diário adquire a forma de alegoria do impossível e a leitura torna-se uma alegoria da época”. As muitas semelhanças entre os narradores-protagonistas Belmiro Borba e Abdias, suas trajetórias e recursos narrativos nos dois romances fez Álvaro Lins considerar o segundo livro como uma continuação do primeiro (LINS, 1998, p. 5). E o esgotamento da fórmula utilizada nos primeiros livros é também apontado por Ivan Marques (2011, p. 238) como causa para a radical mudança narrativa empreendida por Cyro em seu terceiro romance, *Montanha*, uma abordagem ficcional do ambiente político no Brasil durante o período Vargas.

É relevante o fato de esse romancista haver amargado uma recepção crítica relativamente desfavorável tão logo *Montanha* foi lançado em 1956. Bem sucedido nos meios políticos, o livro foi mal recebido nos meios literários: “Fui muito atacado na ocasião. Acharam que eu saí dos meus trilhos. Causou tanta sensação nos meios políticos que a segunda edição saiu em 20 dias depois da primeira. Depois nunca mais saiu” (ANJOS, 1991, p. 151). Distinguindo-se do relato intimista em primeira pessoa constante nos dois primeiros romances, esse foi o seu primeiro e único livro narrado em terceira pessoa, tendo nele utilizado recursos polifônicos, então em voga. Ledo Ivo revela que, à época de sua preparação, o escritor mineiro buscava “inovar esteticamente”, pois o teria visto a ler *Mas não se Matam Cavalos?*, de Horace McCoy, e de como Cyro mostrara-se interessado em John dos Passos e outros ficcionalistas norte-americanos (IVO, 2006. Sobre essa influência cf. ANJOS, 1991, p. 150). O enredo é configurado a partir de uma fictícia unidade federativa brasileira denominada Montanha – metonímia do Estado de Minas Gerais – e adota nomes fictícios para as personalidades políticas reais que o livro quis retratar.

Tendo se dedicado por quase dez anos à escrita de *Montanha*, a acolhida polêmica desse seu romance político muito desagradou ao escritor: “Esse livro causou um grande ruído, do qual não gostei, porque a grande repercussão política prejudicou a repercussão literária [...] disseram que eu saí da minha linha natural, que era o romance intimista, psicológico” (ANJOS, 2008, p. 52). Embora tenha havido à época quem saudasse positivamente o lançamento, a recepção avessa contrastara em muito com a que se dera com o lançamento de *O amanuense Belmiro*, “um dos livros de grande êxito do modernismo brasileiro” (LUCAS, 1976, p. 30), ou mesmo por ocasião da chegada do *Abdias*, que também foi bem recebido pela crítica, apesar da inevitável comparação de valor entre este e o romance de estreia, devido à similitude entre os seus narradores-protagonistas, a repetição do modelo narrativo em diário etc., o que faria do segundo livro apenas uma continuação do primeiro (cf. FÁVERO, 1991; MARQUES, 2011; LINS, 1998).

Em “Um romance gorado: *Montanha* de Cyro dos Anjos”, Wilson Martins (1956³ apud MILANESI, 1997, p. 28) lamenta o fato de esse romance ser inconsistente, repetitivo e caricatural. E por sentir a ausência nesse de algo que possibilitasse a desejada síntese do momento político retratado, Adolfo Casais Monteiro (1964⁴ apud MILANESI, 1997, p. 28) conclui que isso se dá por não apresentar “de fato a multiplicidade de planos necessários para que tal se tornasse possível”. Mesmo recepção bem posterior ao lançamento iria reafirmar o malgrado da crítica: em Coutinho (2001, p. 288), lê-se que “o romancista tenta [em *Montanha*] muitas novidades técnicas da ficção contemporânea, embora sacrificando um pouco ao ensaio, à explicação, em vez de se limitar ao narrativo. Sem, todavia, acrescentar muito ao valor literário de sua obra máxima”; e Massaud Moisés analisará o conjunto da obra de Anjos sob “duas curvas divergentes”: uma que ascende do potencial narrativo demonstrado no primeiro romance e outra que descende com o “depauperamento da máquina imaginária” e a repetição da fórmula inicial. Para Moisés,

[...] no romance derradeiro, a matéria política, e não apenas no plano ideológico, entra de chofre, rompendo o equilíbrio inicial. Sempre cruzadas, as linhas amorosas e política denunciam, porém, um movimento desigual, de modo que a crescente relevância da segunda constitui empobrecimento da primeira e, por consequência, do tecido romanesco que a exprime (Moisés, 1989, p. 271).

Consequência ou não, lançado *Montanha*, Cyro dos Anjos não mais publicaria textos declaradamente ficcionais, não sendo possível afirmar se devido ao relativo fracasso desse último, ao aludido “esgotamento da fórmula” dos romances iniciais, a outra opção ou motivo particular. O escritor alegava como um dos empecilhos para a sua maior produção autoral a vida trabalhosa e atribulada a serviço do funcionalismo público, não lhe sobrando tempo que pudesse investir em sua atividade literária (ANJOS, 2008, p. 46). O fato é que, após as complicações cardiovasculares e os decorrentes *Poemas coronários*, Cyro dos Anjos somente retornaria à publicação em 1979 com as memórias de *A menina do sobrado*, que trouxe revisado em sua primeira parte o texto integral do anteriormente publicado *Explorações no tempo*. A esse foram acrescentados os momentos que marcaram a sua trajetória na capital mineira a partir dos anos 1920, reunidos em “Mocidade, amores”, segunda parte do livro. Expectativa por um novo romance havia, conforme expressou em carta Carlos Drummond, que viu na mudança

³ MARTINS, Wilson. “Um romance gorado, *Montanha* de Cyro dos Anjos”. *Suplemento Literário de O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1º dez. 1956.

⁴ MONTEIRO, Adolfo Casais. *O amanuense Belmiro. O romance (teoria e crítica)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. p. 209-211.

de compadre Cyro para Brasília no início dos anos 1960 a condição favorável para isso: “em nome da comunidade de seus leitores reclamando desde já outra obra de ficção”⁵.

Por outro lado, há de se considerar que essa situação relativamente adversa não deveria causar maiores apreensões a esse escritor, já que o tema do fracasso na vida e na literatura é a principal constante em sua obra. Silviano Santiago (2006) dedicará o ensaio *A vida como literatura* a esse estudo. Por considerar que “o projeto de *O amanuense Belmiro* era a expressão da falência”, Keila Málaque requererá para Cyro dos Anjos o mesmo epíteto que Antonio Candido atribuiu a José Lins do Rego, o de ser um “romancista da decadência” (MÁLAQUE, 2008, p. 103, 111), não havendo nenhum demérito nessa atribuição, obviamente. Paulo Franchetti (2009, p. 79) reverbera o próprio jogo retórico de verso quase final de *Poemas coronários* para dizê-los “pequeno conjunto algo desconjuntado de poemas”, vendo a possibilidade de lê-los como “representação do fracasso da vida por meio do suposto fracasso literário”, em declarada referência ao instigante desfecho do romance inaugural: “a vida parou e nada há mais por escrever” (ANJOS, 2006, p. 293).

Mas, o inesperado acidente levaria o escritor a aventurar-se, embora temeroso, pelos trilhos de outro gênero literário: o lírico.

Alegorizante alegoria

Em situação agônica perante a morte, Cyro dos Anjos compõe os “versos coronários” e os distribui em cópias mimeografadas aos amigos, tornando público, ainda que restritamente, suas reflexões sobre o morrer, a religião, a efemeridade da vida. Não será necessário citar diretamente o clássico argumento de Antonio Candido (1992) sobre o autor de *O amanuense Belmiro* para que se considere estratégica a circulação dos poemas empreendida pelo escritor, como uma das etapas de um projeto autoral, que surgido de condições momentaneamente adversas para o indivíduo Cyro dos Anjos, fez-se alegoria da própria atividade literária do autor Cyro dos Anjos – entendendo-se aqui por autor não o sujeito real, mas a “objetivação classificatória de práticas discursivas, que se teatralizam e efetivam as convenções institucionais de vária ordem” (HANSEN, 1992, p. 13; cf. FOUCAULT, 2006).

A levarmos em conta os depoimentos concedidos por Anjos, não era sua intenção publicá-los para conhecimento do público em geral, no entanto, certamente aos olhos dos destinatários, a edição mimeografada de *Poemas coronários* já lhes chegava auratizada (cf. KOTHE, 1986; BENJAMIN, 1994), seja pela exclusividade de posse e leitura que a distribuição seletiva transfere aos contemplados, como

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Meu caro Cyro”. Rio [de Janeiro] 14 jun. 1960. Carta manuscrita e assinada. Não publicada, disponível no Acervo dos Escritores Mineiros, UFMG.

reconhece Carlos Drummond: “Não preciso dizer que estou muito grato a você pela dádiva. Guardarei o meu exemplar com o recato que exige dos felizes proprietários”⁶; seja pela singularidade artesanal do documento, os versos datilografados, as folhas passadas uma a uma ao mimeógrafo, as recomendações do escritor aos destinatários nos bilhetes que acompanham a especial edição, como a que se segue: “Aos caros Compadres Isa e Newton, enquanto não vem a edição eletrônica, aí vai esta mimeografada dos versos coronários do seu velho Belmiro Montesclarino, Brasília, Natal, 1963”⁷. É de se notar que a assinatura é a do autor posticho, e a perspectiva da vinda de uma edição mais acurada já era prevista.

Põem-se, assim, estabelecidos um valor de uso: a permissão à reservada leitura concedida aos amigos; e um valor de troca: a esperada complacência desses para com os versos do Montesclarino. A tendência, portanto, é o da singularização dessa edição artesanal de *Poemas coronários* entre os partícipes do círculo de amizade contemplado – como anteriormente referenciado, Carlos Drummond de Andrade tratou-a “edição confidencial – preciosa”; e o comentário de Cyro dos Anjos que a publicação editorial pela UnB tenha sido à sua revelia, revela o caráter particular empreendido à edição mimeografada que a edição impressa veio encerrar, pois deu publicidade exterior aos poemas.

Esse processo de quase feticização revela o antagonismo dessa particular divulgação, pois, nutrindo interesse subjacente, o de ter a obra apreciada por seus pares e conhecidos, o escritor empenhou-se, desde os próprios textos configurados em *Poemas coronários* e depoimentos posteriores, na depreciação de sua atividade lírica e do resultado obtido, tratando-a apenas como produção fortuita, fruto da circunstância vivida, sem valor artístico. Ou seja, como se a avaliação qualitativa fosse dispensável, não necessária.

Verifica-se também o intento universalizante ao assentar os seus poemas sobre o arcabouço de um quadro alegórico medieval: o cavaleiro cristão medieval agonizante no leito, a fazer a contrição e a requerer de “Deus Padre Todo Poderoso” a paz no descanso eterno, tendo a morte a espreitá-lo (ANJOS, 2009, p. 23). As gravuras que bem ilustram tanto a primeira edição quanto a segunda em 2009 avivam ainda mais a percepção da presença inexorável da morte no dia a dia das gentes. Nos versos do segundo poema da série, as muitas personificações já indiciam o alto grau de alegorização do texto:

Agora que vejo os dias encurtados
 declarar quero, em público e raso:
 se não há um Deus Padre Todo Poderoso,

⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Meu caro compadre” [Cyro dos Anjos]. Rio [de Janeiro], 16 dez. 1963. Carta datilografada e assinada. Não publicada, disponível no Acervo dos Escritores Mineiros, UFMG.

⁷ Cópia xerográfica de bilhete autógrafa que acompanha a edição enviada ao casal Isa e Newton Prates.

Criador do Céu e da Terra,
mister é que ele exista
eu O reclamo, careço Dele.
E servo me confesso de Jesus Nazareno
o Filho do Homem
ponte entre o Verbo e o Mundo.
Sua cruz levem a meus lábios na hora da morte.
[...]
(ANJOS, 2009, p. 23, grifos nossos).

Vê-se que o discurso tende para o confessional de fé cristã católica, porém, não dirigido diretamente a Deus ou a Jesus Nazareno, mas sim a toda a gente – “declarar quero, em público e raso” – ou pelo menos aos seus amigos mais próximos, como deixam claro os seguintes versos recolhidos aleatoriamente de alguns poemas do conjunto: “Amparai, amigos, tanta indigência/ dai-lhe o abrigo do vosso afeto/ na fria noite de solidude”; ou neste outro: “Amigos/ poucos mais veros, quero confiar-vos que o Cavaleiro da Triste Figura/ tem-na, agora, ainda mais triste./ Sempre dependi da vossa leal amizade” (ANJOS, 2009, p. 31, 43).

Nota-se também o caráter público da declaração, desejo que evidencia estar consciente da gravidade de seu estado e perfeitamente apto a presidir os ritos que o preparam para a morte, motivo pelo qual mesmo o papa João XXIII seria com ele tolerante (ANJOS, 2009, p. 23). Segundo Ariès (1989, p. 35), a partir dos séculos XIV e XV há a confiança de que cada homem revê, no momento de sua morte, sua vida inteira, e com essa atitude faz chegar à conclusão sua biografia.

Ao analisar as características do discurso introspectivo-confessional, Mikhail Bakhtin faz a seguinte observação: “quanto mais profunda é a solidão (axiológica) consigo mesmo, e, conseqüentemente, o arrependimento e a superação de si mesmo, mais evidente é sua relação consubstancial com Deus” (BAKHTIN, 2000, p. 158). É de se notar o contraste entre a atitude introspectivo-confessional ideal configurada por Bakhtin e a que se entrega o confessor no poema acima referido, e de maneira geral por todo o livro, pois, não transparece nos versos a esperada solidão profunda, mas sim uma exteriorização de anseios e desejos testamentais: “declarar quero, em público e raso”, “mister é que ele exista/ eu O reclamo, careço Dele”, “Sua cruz levem a meus lábios na hora da morte” etc. (ANJOS, 2009, p. 23).

Poemas coronários é constituído por uma dúzia de poemas intitulados sequencialmente pelos números cardinais de 1 a 12. No segundo texto que antecede esse conjunto, o autor considera a “humilde oblata” como um inadequado “pasticho”, intertexto do “Cantico di Frate Sole” de Francisco de Assis.

Percebe-se, portanto, que dá prosseguimento neste à depreciação antecipada dos poemas, como quem humildemente solicita compaixão no julgamento do leitor, discurso retórico iniciado, como vimos, no texto de apresentação: “Lira Ingênua/ de/ Belmiro Montesclarino/ Cavaleiro da Ordem Hospitalária/ [...]”. Antes de dar início à série de poemas, há uma breve dedicatória aos familiares de Cyro dos Anjos, a todos “em grande admiração” (ANJOS, 2009, p. 9-13).

De acordo com o tom e os assuntos abordados, grosso modo é possível distribuir os 12 poemas em três grupos distintos:

Confissão e temor (poemas 1 a 7): é o conjunto que dá embasamento temático à obra como um todo, pois personifica a morte e expõe o temor e a reflexão sobre a finitude, a amizade, a fragilidade do ser. Como visto anteriormente, o texto confessional é dirigido aos amigos e não a Deus. Ao confessar-se cristão, temente e revelar o seu encontro com a morte, o intuito explícito de Belmiro Montesclarino é o de expor aos caros companheiros a difícil situação em que se encontra. Há ainda o momento da esperança de pôr-se “bastante a si mesmo”, assim como Robinson Crusoe, a quem inveja. Mas “O Cavaleiro da Triste Figura” está ainda mais triste do que é, pois é visto apenas como um número, à mercê dos cuidados ministrados aos enfermos. E, ao indagar “Onde o meu elmo, o meu aprumo, a minha espada?”, diz de seu momentâneo impedimento em pôr-se em ação, porém, os versos que ele, Montesclarino, vai desafiando são por si mesmos essa ação, que efetivamente vai sendo concretizada. Ou seja, os poemas fazem referência à dificuldade enfrentada pelo poeta em aprumar a sua própria escrita (ANJOS, 2009, p. 19-43).

Ressurreição e memória (poemas 8 a 11): assinala a franca recuperação do convalescente, “o corpo venceu a morte”, e é onde se comemora a esperança anunciada na musicalidade do “bom-dia” das enfermeiras. O prazeroso alento vem trazer renovado fôlego à composição dos versos, porém, há o reconhecimento da decrepitude e de que “as mentirinhas terapêuticas” acabam por iludir o idoso paciente, amenizando-lhe as dores. À expansão no regozijo das possibilidades futuras, na certeza de que novamente caminhará com pulso “firme, ritmado” pelo “[...] Eixo Rodoviário/ contra a brisa do altiplano”, contrapõe-se a efemeridade da alegria, ao prever que o seu “pior inimigo”, ele próprio, se erguerá contra si mesmo, dualidade que o atormenta. Essa reflexão ganha maior relevo no poema 10, ao se indagar o que afinal havia sido salvo no confronto com a morte: “esta melancolia, este fastio,/ velhos companheiros,/ e ainda a vaidade/ e ainda o amor-próprio,/ sempre reprimidos/ repontando sempre?”. Franchetti (2009, p. 79) considera esse poema a síntese “no que diz respeito à literatura e à atitude belmiriana em relação à vida”. No poema 11, as mais explícitas marcas autobiográficas vinculadas ao escritor montes-clarense, pois, no reavivar da memória saudosa, o canto de Belmiro Montesclarino é dirigido ao falecido Coronel Antônio dos Anjos, pai de Cyro dos Anjos. Nomeia um a um os

três irmãos mortos, esboçando-lhes breves retratos, com a previsão que, “mais ano menos ano”, todos estarão reunidos no “azul” à volta da “Mãe Lolota, a mansa,” e do “industrioso” “professor, lojista e fazendeiro”, a quem é dedicado o poema, declaradamente inspirado no “Fazendeiro do ar”, do amigo Carlos Drummond de Andrade (ANJOS, 2009, p. 47-63).

Depreciação (poema 12): Finaliza a série, traz o balanço da experiência da escrita: “Sem rima nem metro/ no ritmo do suspiro, do gemido/ dialoguei com a morte”, o que faz desta sua musa inspiradora: “mostrou-se bonita moça/ de compassivos olhos, castos gestos”. E não tem grande importância se tenha feito “verso ou prosa” – e a referência não será apenas ao hibridismo da imergência da prosa em sua lírica, mas também aos romances, às memórias, aos ensaios até então escritos – pois teria ido “[...] à raiz da aflição”, descarnando-a. Paulo Franchetti (2009, p. 78) vê apenas respaldo parcial no próprio texto para esse ato incisivo, pois “a ‘raiz da aflição’ continua enterrada sob uma capa espessa de alusões, de referências e, sobretudo, de distanciamento irônico.” Porém, exatamente o que Franchetti assinala como defeito é o que se faz coerente com a teatralização alegórica da experiência dolorosa da escrita nesses poemas. Está claro que, não tendo se deixado seduzir pela morte, apesar dessa ter se deixado ver, não se fez necessário que Belmiro Montesclarino fosse atado a um mastro de navio, como fez Ulisses.

Diferente das lendárias sereias da *Odisseia*, que cantam maviosamente e induzem os incautos marinheiros à perdição, o “Anjo da Morte” de *Poemas coronários* é “grandalhona”, “meio desajeitada” e, embora bonita, não canta, apenas aguarda, sentada no peitoril da janela, não se sabe se para buscá-lo ou simplesmente descansar (ANJOS, 2009, p. 35). Assim, quem afinal deve entoar o canto é mesmo o casual poeta, que com contido temor a despacha: “Vai-te, moça. Não se fechou ainda a conta de meus dias, e tenho filho para criar”, que tanto pode referenciar a Francisco de Assis, filho de Cyro dos Anjos então com 10 anos, como nessa leitura alegórica ao próprio poema que vai sendo tecido, pelo que a conta de seus dias ainda não poderia estar fechada. Portanto, a tal “raiz da aflição”, a morte, a interrupção da escrita, é tão somente o ensejo necessário para o surgimento do texto, que se mantém subjacente ao próprio canto, não sendo mesmo necessário estar à mostra. Daí o “distanciamento irônico” percebido por Franchetti, pois a ação de descarnar empreendida por Belmiro Montesclarino é a própria função do menestrel que, desapegada da raiz concreta do sofrimento do indivíduo, faz-se figuração performativa na linguagem:

[...]

E sobraçando a desconjuntada lira
aqui me despeço das nobres damas e cavalheiros
que na simpatia e na amizade

superlativamente me honraram
 aplaudindo esta fraca função
 (ANJOS, 2009, p. 67-69).

Conclusão

Ao término de sua agonia, Ivan Ilitch conclui: “A morte está acabada’, disse para si mesmo. ‘Não existe mais.’”. Logo em seguida, Ilitch morre. O falecimento em si já não tinha importância para aquele membro do Tribunal de Justiça, pois havia vivenciado a morte em vida – sofrimento, agonia, temor – mas, pouco antes de seu final, já “não havia morte”. O apaziguamento é conquistado em vida, ao conseguir estar preparado para entrar totalmente naquele “buraco negro” (TOLSTOI, 2009, p. 99-101). Em *Poemas coronários* não, há ainda o apego à vida – o filho para criar, a obra por acabar – e a morte é vencida apenas momentaneamente, pois, “mais ano menos ano”, ela se fará presente definitivamente. Assim, a ameaça da interdição do fazer literário inscrita no extremo dessa alegoria, a concretização da morte do indivíduo, expõe a natureza transitória de seu produtor, e o ato de parcialmente vencê-la diz da possibilidade de superação das dificuldades e da continuidade dessa atuação autoral, pelo menos até a abdicação da atividade produtiva.

Ao decalcar no conjunto de poemas a alegoria medieval do cavaleiro moribundo em seu leito de morte, no intuito de plasmar nesse quadro os sentimentos vivenciados por Cyro dos Anjos durante o seu período de convalescência no hospital, o autor optou por interpor, entre a experiência real do indivíduo e o leitor, um ente vazio, o Belmiro Montesclarino, a quem a autoria dos versos é atribuída. Segundo Hansen (2006, p. 95), na contemporaneidade a alegoria “passa a ser, entre outras, uma técnica ou um artifício de teatralizar uma ideia”. Portanto, há nessa opção do autor Cyro dos Anjos a consciência dos problemas que surgem no perfazer o singular no discurso literário, e, ao alegorizá-lo, os poemas põem-se em referência ao seu próprio processo de escrita. Consequentemente, o que é relatado – o sofrimento, o temor, a esperança, o comentário etc. – deixa de ater-se unicamente a uma realidade específica, concretamente vivida, para alegorizar o quadro configurado, ele mesmo alegórico.

E é justamente no pleno exercício de sua função menestrel que Belmiro Montesclarino se despede e conclama aos “poetas de ofício” que não o castiguem com seus “reproches”. Óbvio que esse afetado apelo derradeiro, é apenas mais um dos artifícios retóricos utilizados pelo autor, como tantos outros configurados desde o início no texto: “Lira Ingênua”, “imperito nas Artes Poéticas”, “desconjuntada lira”, “humilde oblata” etc.; pois, o que ressalta dessa imprudente solicitação de complacência na recepção dos versos não é a experiência da morte em si, muito menos a sua figuração alegórica, mas a gravidade da avaliação que fatalmente será efetuada por seus leitores quanto ao efeito poético produzido no

corpo-linguagem dos poemas. Isso, sim, poderá dizer sobre a capacidade criativa e da perspectiva de permanência de sua obra, não importando se a morte chegue cedo ou tarde para o indivíduo. O artifício para abrigar essa ansiedade do poeta é a presentificação da atividade do canto, como se a fizesse perante uma plateia – daí a justificativa em nomear-se menestrel – dando-a como decorrida, como finalizada, pelo que agradece aqueles “que na simpatia e na amizade/ superlativamente me honraram/ aplaudindo esta fraca função” (ANJOS, 2009, p. 69).

Assim, ao alegorizar o discurso autobiográfico no canto performático de um codinome autoral que aos poucos vai se fazendo ele mesmo alegórico, o que está em causa não é a biografia ou o sofrimento do indivíduo Cyro dos Anjos, mas sim a qualidade do conjunto da obra atribuída ao autor dos *Poemas coronários*.

Referências bibliográficas

ANJOS, Cyro Versiani dos. *A criação literária*. Salvador: Livraria Progresso; Universidade da Bahia, 1959.

_____. “Cara Vera Márcia”. In: MILANESI, Vera Márcia Paráboli Vidigal. *Cyro dos Anjos: memória e história*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997. p. 10-13.

_____. “Depoimento”. 10 nov. 1987. In: FÁVERO, Afonso Henrique. *A prosa lírica de Cyro dos Anjos*. 1991. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. p. 143-153. Entrevista por Afonso Henrique Fávero.

_____. “Cyro dos Anjos”. In: RICCIARDI, Giovanni. *Biografia e criação literária*. Niterói: Nitpress; Rio de Janeiro: ABL, 2008. p. 41-53. v. 1. (Escritores da Academia Brasileira de Letras). Entrevista por Giovanni Ricciardi.

_____. “Cyro dos Anjos”. In: STEEN, Edla Van: *Viver e escrever*. v. 2. Porto Alegre, RS: L&PM; Brasília: INL, 1982. Entrevista concedida a Edla Van Steen.

_____. *Explorações no tempo (memória)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

_____. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Os amigos do livro, 1937. Publicação fac-similar da 1ª edição (Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006).

_____. *Poemas coronários*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2009.

ARIÈS, Philippe. *Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Teorema, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. v. 1. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BILENKY, Marlene. *A poética do desvio: a forma do diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*. 1992. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BORBA, Inocêncio (Cyro dos Anjos). “Alô, alô Lagoinha”. In: MÁLAQUE, Keila Mara Sant’Ana. *Lições de Borboleta: a trajetória do cronista-amanuense Belmiro Borba*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 232-233.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Estratégia”. In: _____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 79-85.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. v. 5. Codireção de Eduardo de Faria Coutinho. 6ª ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2001.

CYRO dos Anjos festejado pelos amigos. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 9 dez. 1937. In: NOBILE, Ana Paula Franco. *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 179-183.

FÁVERO, Afonso Henrique. *A prosa lírica de Cyro dos Anjos*. 1991. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

FERREIRA, Maria Rosilva Santos. *Memórias de Cyro dos Anjos: vida e obra*. 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. de Antônio Fernando Cascais. 6ª ed. Lisboa: Nova Veja, 2006.

FRANCHETTI, Paulo. “Posfácio”. In: ANJOS, Cyro Versiani dos Anjos. *Poemas coronários*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2009. p. 71-79.

HANSEN, João Adolfo. "Autor". In: JOBIM, José Luís. *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 11-43. (Coleção Pierre Menard).

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. "Resposta do Sr. Aurélio Buarque de Holanda". In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. [Recepção do Sr. Cyro dos Anjos. 21 out. 1969]. *Discursos acadêmicos: 1966-1980*. Rio de Janeiro, 2009. p. 339-363, v. 5. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/Tomo%20V.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2012.

IVO, Lêdo. "Cyro dos Anjos e o romance". *Revista brasileira*, ano VII, nº 47, fase VII, Rio de Janeiro, abr.-maio-jun., 2006. p. 77-78 . Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/RB%20-%2047%20-%20CULTO.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2012.

KOTHE, Flávio R. *A alegoria*. São Paulo: Ática, 1986.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. Trad. de Paulo Menezes. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LINS, Álvaro. "A influência de Machado na obra do Sr. Cyro dos Anjos". In: ANJOS, Cyro Versiani dos. *Abdias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Quíron, 1976.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. "O amanuense Belmiro e sua novidade". *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 8 dez. 1937. In: NOBILE, Ana Paula Franco. *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 171-175.

MAGALDI, Sábato. "Discurso do Sr. Sábato Magaldi". In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. "Recepção do Sr. Sábato Magaldi. 25 jul. 1995". *Discursos acadêmicos: 1981-1995*. Rio de Janeiro, 2010. p. 913-940. v. 6. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/Tomo%20VI.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

MÁLAQUE, Keila Mara Sant'Ana. *Lições de Borboleta: a trajetória do cronista-amanuense Belmiro Borba*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MILANESI, Vera Márcia Paráboli Vidigal. *Cyro dos Anjos: memória e história*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. v. 5. São Paulo: Cultrix, 1989.

MOURÃO, Rui. “Cyro dos Anjos e O amanuense Belmiro”. *Estudos Avançados*, n° 24, v. 69, São Paulo, 2010, p. 157-168.

NOBILE, Ana Paula Franco. *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*. São Paulo: Annablume, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *A vida como literatura: O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TOLSTOI, Leon Nikolaievitch. *A morte de Ivan Ilitch*. Trad. de Vera Karam. Porto Alegre: L&PM, 2009.